

JORGE SANTANA DA SILVA

ESCUULTOR DE GOLFES

O ÚNICO ARQUITECTO QUE DESENHA CAMPOS DE GOLFE EM PORTUGAL TEM FAMA MUNDIAL DE PROJECTAR CIRCUITOS COMPLEXOS, CHEIOS DE OBSTÁCULOS, QUE OBRIGAM JOGADORES A DEFINIR ESTRATÉGIAS. NUM PAÍS PREMIADO COMO MELHOR DESTINO EUROPEU DE GOLFE, FOMOS CONHECER UM DOS SEUS MAIORES ENTUSIASTAS... E O QUE MAIS PERCEBE DE MODELAGEM DE *GREENS*, *BUNKERS* E *TEES*. LINGUAGEM CONFUSA? LEIA QUE JÁ VAI PERCEBER.

JOÃO BÉNARD GARCIA

Há um português que desenha campos de golfe. É o único que o faz a tempo inteiro e fá-lo com proficiência e perfeição, em Portugal e no resto do mundo. Tem fama de modelar terrenos complexos, muitos deles improváveis. Consegue transformá-los em feéricos circuitos elaborados, acrescenta-lhes inúmeros obstáculos e soma-lhes múltiplos desafios. Chama-se Jorge Santana da Silva, tem 56 anos, e venceu a pulso na cena internacional a esculpir *bunkers* e a projectar *greens* difíceis. Daqueles com *pins* (buracos) memoráveis, que animam conversas de entusiastas pelas boas tacadas.

O currículo deste setubalense que adora trilhar quilómetros de terra em estado bruto é invejável. Ao longo de 32 anos a supervisionar, desenhar, remodelar e planejar percursos de golfe em todo o mundo, deixou a sua assinatura em 144 projectos em países como Portugal, França, Angola, Espanha, Itália, Marrocos, Brasil, Estados Unidos,

Cabo Verde, Reino Unido, Suíça, Holanda, Alemanha ou Emirados Árabes Unidos. Um pouco por todo o mundo, Jorge Santana da Silva deu à luz alguns dos mais complexos e luxuosos campos de golfe. E foi no seu estirador que nasceram alguns dos mais emblemáticos *greens* do planeta.

O palco para uma conversa é o *green* do buraco 7 do campo da Herdade do Pinheirinho Golf & Beach Resort, nas imediações da Comporta, na Costa Vicentina, litoral alentejano. A propriedade pertence ao Grupo Pelicano. Os 27 buracos estão operacionais. O campo é regado duas vezes por dia e o relvado mantido semana após semana por profissionais. Graves problemas com a viabilidade imobiliária impedem-no de ser inaugurado. Está fechado. Vazio.

“Este golfe é uma espécie de campo de golfe ideal. Estamos com os pés em cima de um campo que ainda não foi inaugurado, mas tomara muitos terem, além desta localização, as mesmas condições de manutenção”, expressa Jorge Santana

da Silva, poucos segundos antes de os temporizadores ligarem o sistema automático de rega por aspersão, confirmando as palavras do arquitecto.

A imensidão de água que jorra dos aspersores compeliu-nos a um instante de silêncio. Três pessoas, no meio de um campo de golfe em excelentes condições, vazio, a olharem para mais de 60 hectares de um relvado verde intenso e a pensarem: “Que desperdício!”. Jorge Santana da Silva é o primeiro a verbalizar o que lhe vai na alma: “Se este projecto morrer será muito mau”, afirma, desolado, manifestando-se, contudo, confiante quanto ao futuro: “Estou muito satisfeito com o que aqui fiz. Podem vir todos os jogadores de todos os níveis mundiais pois sei que ficarão muito satisfeitos com este campo. É uma obra de excelência: bem concebido, bem enquadrado na paisagem e bem inserido em termos ambientais. Até o Instituto de Conservação da Natureza (ICN) já nos felicitou pelo trabalho aqui realizado...”.

“OS TERRENOS IDEAIS PARA
A PRÁTICA DO GOLFE NASCEM
JUNTO AO MAR, COM MUITAS
DUNAS, COMO NA ESCÓCIA”,
DEFENDE JORGE SANTANA DA
SILVA, JUSTIFICANDO ASSIM
A ABUNDÂNCIA DE ÁGUA EM
TODOS OS CAMPOS QUE GIZA





QUEM É JORGE SANTANA DA SILVA?

Topógrafo de formação, ligado à engenharia e à construção, começou a jogar golfe aos 19 anos. Estava um dia a fazer terraplanagens de renovação no circuito de golfe de Santo da Serra, na ilha da Madeira, quando se cruzou com Robert Trent Jones, o homem que lhe mudou a vida. Integrou a equipa do conceituado designer de golfe, viajou pelo mundo, aprendeu a juntar peças de *puzzles* difíceis e daí nasceu a paixão pela modelação de campos. Dez anos mais tarde regressa a Portugal e funda o ateliê GolfDesign. Apaixonado por futebol, foi presidente do Vitória de Setúbal e candidato vencido a presidente da autarquia sadina. Vive numa casa concebida por si, com vista para um buraco de um tranquilo *green* da Quinta do Montado, em Palmela. Logo ele, uma mente inquieta. ●

► Novo virar de cabeça para contemplar o horizonte e novo momento de silêncio do arquitecto. Enquanto os jactos de água rodam no sentido dos ponteiros do relógio, achamos ser o momento ideal para, assim, de supetão, redireccionarmos a atenção do autor do projecto. Continua a ser verdade que a rega intensiva dos golfe é ambientalmente insustentável? Jorge Santana da Silva sorri e responde com frontalidade: “Não consigo desmistificar a ideia de que um campo de golfe gasta muita água porque de facto gasta muita água”, dispara.

Os argumentos que suportam a impopularidade desta actividade junto dos ecologistas mais ferrenhos são rebatidos pelo paisagista: “Devemos olhar para os campos de golfe na mesma perspectiva de uma prática agrícola de regadio. Aqui não se colhe nenhum fruto ou legume, mas colhe-se uma quantidade de serviços que são prestados ao turismo, com ganhos directos

e indirectos para o país”, elucida, defendendo que, nessa perspectiva, “um golfe não gasta mais água por metro quadrado do que uma prática agrícola de regadio”. “Temos que ter uma visão de futuro: se um campo de golfe deixar de ser usado pode perfeitamente ser agricultado. Está mais do que preparado para isso”, sublinha.

Golfe e água: a aliança perfeita

Embora os 60 hectares de área útil do golfe da Herdade do Pinheirinho mantenham hoje um relvado aparado quase perfeito, onde Jorge Santana da Silva gosta efectivamente de se movimentar é entre lama, pedras soltas e vegetação infestante. O arquitecto paisagista – forjado nos anos 80 no ateliê do conceituado mestre norte-americano Robert Trent Jones Senior – esclarece este intenso apelo telúrico. “Faço todos os meus projectos a pisar os terrenos onde os golfe vão ser implantados. Em todos os meus golfe estão muitas horas

das minhas pernas a andar, a observar, a medir. Posso assegurar-vos que essa é a parte do meu trabalho que mais gosto. Sou um geómetra e a minha grande capacidade de medir facilita-me a vida”, revela.

Outra premissa sagrada para este “escultor de terrenos”, embora nem sempre aplicável, é a localização ideal para um circuito de golfe. “Os terrenos ideais para a prática deste desporto nascem ao pé do mar com muitas dunas, como na Escócia”, defende, justificando assim a presença abundante de água em todos os campos que giza. “Sou conhecido por fazer projectos de golfe elaborados, com muitos desafios, com muita modelação, por colocar muitos obstáculos de água, como os que temos aqui. Consigo distribuir os obstáculos e conjugar todos os factores projectando campos com muitas saídas, com muitos *tees*, desafiando constantemente os jogadores a desvendarem os melhores percursos, a descobrirem as ►

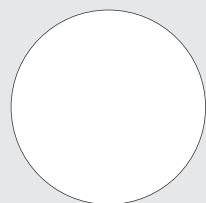


NOVAS TENDÊNCIAS NOS “CAMPOS” DE GOLFE

“O cliente do golfe gosta sempre de tentar os 18 buracos”, esclarece Jorge Santana da Silva, embora defenda fazer sentido que “alguns campos se adaptem ao perfil de academia ou que proponham aos clientes que trabalham e com pouco tempo para jogar durante o dia, percursos de apenas 9 buracos”. A vertigem dos tempos modernos obriga as pessoas a viverem tudo com maior rapidez e o golfe não escapa a essa realidade. A necessidade de percursos curtos e rápidos é uma tendência que veio para ficar na modalidade, mais ainda se o campo estiver localizado numa zona urbana. “Uma pessoa num campo de golfe de 18 buracos pode sempre jogar só para 9. Se um campo estiver inserido numa zona urbana e empresarial, onde há um apelo muito grande a pessoas que têm somente duas horas para jogar, como é o caso do complexo Oeiras Golf & Residence, é aceitável que se reduza para 9 buracos. O campo de Oeiras era um daqueles casos que estava mesmo a pedir uma solução destas. Não estou contudo a ver outras situações em Portugal em que, reduzindo metade de um campo, este se torne economicamente viável”, resume.

A recessão económica foi outro dos factores que também veio alterar as regras do jogo e ditar novas tendências. “Temos que pensar em projectos novos, que não têm necessariamente de ter 18 buracos, seis mil e quinhentos metros de comprimento e um par 72. Vamos ter que equacionar golfs com menores custos, com manutenções mais baixas e tentar atingir mercados que não exclusivamente o do turista jogador de golfe”, explica o arquitecto, deixando a sugestão de que se deve apostar “não só na desformatação de campos com 18 buracos, mas também no fim da opção pela relva e pelos longos relvados aprimorados, consumidores de muita água”.

A experiência mundial de Jorge Santana da Silva a desenhar circuitos de golfe resulta igualmente da observação de soluções variadas que podem ser aplicadas em diferentes latitudes. “Há inúmeros campos de golfe cheios de ervas infestantes com grande qualidade para se jogar. Não é necessária a opção relva para todos os campos. Esta pode ser uma solução para campos de golfe que estão inseridos em projectos com menor *budget*”, sublinha, sabendo estar a levantar uma



“A NECESSIDADE DE PERCURSOS CURTOS E RÁPIDOS É UMA TENDÊNCIA QUE VEIO PARA FICAR NA MODALIDADE, MAIS AINDA SE O CAMPO ESTIVER LOCALIZADO NUMA ZONA URBANA”.

questão estética bastante sensível. O arquitecto sadino revela ainda estar neste momento a testar, com colegas seus norte-americanos, uma solução original e económica para a prática desta modalidade. “Estou envolvido num projecto em que estamos a tentar, numa zona natural e densamente arborizada, relvar áreas muito pequenas e conseguir, com uma intervenção quase mínima, que seja possível aí jogar golfe”, desvenda. No contexto das inúmeras mudanças espaciais operadas nos tradicionais circuitos de golfe a nível mundial, tem crescido, na Europa e nos Estados Unidos, uma nova tendência na modalidade, um pouco mais radical, convenhamos, mas que promete fazer escola. “O Urban Golf, que se joga na rua ou no meio de um parque urbano, tem ganho adeptos nos últimos anos... Pessoalmente não me estou a ver a jogar golfe no meio da rua, mas tudo bem. Além do mais a bola de golfe é pesada”, alerta. ●

► melhores alternativas”, assume.

Esta experiência de desenhador de campos difíceis começou quando, em 1984, o seu mentor lhe atribuiu a responsabilidade de supervisionar os trabalhos de construção dos 27 buracos do Golfe de Castelconturbia, em Novara, no norte de Itália. Tornou-se então responsável pela direcção e realização dos trabalhos de movimentação de terras, pela modelação artística, sistemas de drenagem e rega. O primeiro projecto internacional em que participou acabou sendo eleito como melhor campo italiano de golfe e o local escolhido para a realização do Open de Itália em 1991.

O seu profissionalismo e dedicação destacaram-se de tal forma que, logo em 1985, já estava em Montpellier, no sul de França, a, com alguma liberdade e por sua iniciativa, redesenhar o formato dos *greens* e o perfil dos lagos no campo de golfe de La Grand Motte. Jogadores e revistas da

especialidade elogiaram de tal forma este circuito que o mesmo foi, reiteradamente ao longo dessa década, classificado como possuindo alguns dos mais aplaudidos *greens* gauleses.

“Foram dois projectos que me deram muito gozo, quer pela experiência, quer pelo grau de dificuldade”, destaca, agradecendo ainda hoje os tremendos desafios com que Robert Trent Jones o confrontou: “Agradeço ao meu mentor o facto de me ter atribuído para trabalhar os campos mais complicados. Foi o melhor exercício para um projectista estagiário de golfe: receber, no gabinete do Robert Trent Jones, os projectos mais complicados, os projectos onde não era possível fazer 18 buracos, mas em que eles afinal couberam. Aprendi na prática a encavalitar coisas impossíveis. Foram os desafios destes projectos que me permitiram ainda hoje fazer complexos exercícios de estratégia nesta área”, remata. ●



32 ANOS A “ESCULPIR” 144 CAMPOS PELO PLANETA

MANGAIS ECO RESORT 1 e 2

Barra do Cuanza, ANGOLA

18+18 buracos | www.mangais.com

“Este foi um dos projectos que mais gozo me deu”, afiança. “O complexo final dos Mangais são um total de três campos de golfe com utilização quase total, especialmente aos fins-de-semana, estando já na fasquia de alta rentabilidade”, revela. O campo, encaixado numa zona arenosa com palmeiras e sapal, já entrou pela zona sensível do mangal do Rio Cuanza. “Não destruimos nada e demos às pessoas a hipótese de visitarem um local inacessível, com jacarés por todo o lado”, assegura, contando uma curiosidade: “O green 17 costuma ter um “jacaré-residente” de três metros e meio a dormir no *bunker*. E o mais fantástico é que nem o jacaré se mexe nem os jogadores se incomodam. A primeira vez que vi aquilo fiquei pasmado”. ●

EM PROL DA **DEMOCRATIZAÇÃO DO GOLFE**

Desenha e redesenha campos de golfe de sonho. Sonha mesmo construir um com muitas dunas mesmo em cima do mar. Mas por ora impõe-se perguntar-lhe se alguma vez um projecto lhe trouxe insónias. Solta uma gargalhada franca e dispara: “Já sonhei muito com projectos de campos de golfe, mas uma coisa vos garanto: nunca tive pesadelos com campos de golfe”.

Apaixonado pelo golfe, como jogador, e pelo seu trabalho, como projectista, assume-se como sendo uma pessoa “muito visceral”, no sentido de opinar sempre que alguém pisa nas suas convicções ou belisca na sua paixão pessoal e profissional. “Os clientes acham-me uma pessoa muito stressada, apenas porque dou sempre a minha opinião, seja ela positiva ou negativa. Dou-a sempre, doa a quem doer”, sublinha.

Jorge Santana da Silva joga golfe (quanto mais não seja para perceber o grau de dificuldade dos obstáculos que cria) e considera que este

desporto, por muitos considerado elitista, é “altamente didáctico”, porque exige “muita concentração, disciplina e a necessidade de cumprir um determinado número de regras rígidas”.

Defensor da proliferação das academias de ensino, bate-se pela “democratização do golfe” e elogia o trabalho da federação que gere a modalidade, no sentido da captação e crescimento do número de adeptos deste desporto.

“Há esforços pedagógicos e de divulgação, bem pensados por vários campos de golfe e pela federação, que estão a conseguir captar alunos de escolas e de instituições de solidariedade social, cativando-os para jogar golfe. Seja cá, seja em África. Agora temos de compreender que o golfe tem custos: o material é caro e manter um campo de golfe tem mesmo muitos custos”, relembra. ●



Oitenta circuitos de golfe em Portugal, catorze em França, doze em Angola, oito em Espanha... o currículo de Jorge Santana da Silva, com 144 projectos espalhados por quatro continentes, parece não ter fim e elevam-no ao estatuto dos mais conceituados projectistas de golfe do mundo. Seja um Masterplan (projecto de autoria integral), um plano de percurso ou a supervisão de uma obra, todos possuem a forte marca deste arquitecto paisagista, que conquistou fama de conseguir encaixar percursos desafiantes em terrenos improváveis. Eis alguns dos seus projectos mais emblemáticos.

HERDADE DO PINHEIRINHO GOLF & BEACH RESORT

Comporta, Grândola, PORTUGAL
27 buracos | www.pinheirinho.pt

O empreendimento está parado. O golfe também. “Este campo foi projectado com vista a um projecto imobiliário que não está a acontecer. Só vejo possibilidade de ver este campo viável, construindo aqui uma unidade hoteleira de quatro estrelas e trazer grupos de golfistas nórdicos e com eles ocupar o campo. Para já está prevista a construção de um Hotel Hyatt de cinco estrelas, na perspectiva de cativar o rico mercado norte europeu. Só que a Europa neste momento não está com muita vontade de gastar dinheiro”, avisa, jurando que “ter pegado neste terreno foi uma fortuna de realização profissional”. ●

LARANJAL, QUINTA DO LAGO

Quinta do Lago, PORTUGAL
18 buracos | www.quintadolago.com/en/golf/golf-courses/laranjal

“Para minha surpresa, campos de golfe como o do Laranjal, onde eu próprio me questioneei se o circuito não seria excessivamente difícil, foram uma surpresa: toda a gente gosta dele e o elogia. Significa que dentro dos campos elaborados que eu gosto de fazer, a ondulação, a modulação, os bons jogadores gostam”, confessa o arquitecto que neste complexo desportivo no Algarve tinha como desafios um extenso curso de água que divide a propriedade ao meio, muita vegetação autóctone e um laranjal. “Este campo é arrojado. Para mim é o melhor de Portugal”, atira. ●

OEIRAS GOLF & RESIDENCE

Tagus Park, Oeiras, PORTUGAL
9 buracos | www.esmedia.pt/pt/oeiras-golf-residence

O Oeiras Golf & Residence é um projecto, actualmente nas mãos da ESPART (imobiliária ligada ao Grupo BES), que o arquitecto desenhou há doze anos. Gizado com 18 buracos, foi agora, fruto da conjuntura económica, adaptado a circuito com apenas 9 buracos, “facilitando a aprendizagem”, sublinha. “Penso que a opção agora é mais adequada à realidade do golfe e da localização deste campo. O golfe de Oeiras está inserido numa zona habitacional e empresarial, e foi repensado para funcionar como academia de golfe podendo ser “importante para pormos em prática a democratização do golfe. Um tema tão falado, mas tão poucas vezes posto em prática”, relembra. ●

GOLFE DE AMARANTE

Amarante, PORTUGAL
18 buracos | www.golfedeamarante.com

Depois de ter crescido no ateliê do mestre Robert Trent Jones Senior e de em 1989 se ter expandido na Europa com o colega Cabell Robison, foi em 1994 que regressou à sua cidade natal, Setúbal, e criou a GolfDesign, a empresa com a qual reforçou fama dentro e fora de fronteiras. O primeiro projecto nacional inteiramente da sua autoria foi o Golfe da Quinta da Devesa (18 buracos), em Amarante, projectado em zona de montanha e inaugurado em 1997. Estava dado o pontapé de saída para ser solicitado para quase todos os projectos nacionais e foi o início de uma auspiciosa carreira internacional a solo. ●